

RÉGIS, L. D. L.; SILVA, F. V. da. *Que raio de professora sou eu?* Posicionamentos discursivos do sujeito-professor em análise. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, Cuiabá, v. 3, n. 2, jul.-dez., 2018.

QUE RAIO DE PROFESSORA SOU EU?

Posicionamentos discursivos do sujeito-professor em análise

LAURA DOURADO LOULA RÉGIS*

FRANCISCO VIEIRA DA SILVA**

* Doutora em Linguística (PROLING). Professora Adjunta na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). douradoloula@gmail.com

** Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor efetivo de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus de Caraúbas. francisco.vieiras@ufersa.edu.br

RESUMO: De modo geral, o objetivo deste trabalho reside em analisar o processo de constituição do sujeito-professor Laura, protagonista da novela infanto-juvenil *Que raio de professora sou eu?* (1990). Teoricamente, este trabalho encontra-se vinculado aos postulados da Análise de Discurso, mais especificamente à teoria materialista dos processos discursivos de Pêcheux (2009). Metodologicamente, selecionados os recortes textuais da novela, e destes, algumas sequências discursivas, que melhor explicitam as perguntas de pesquisa, em relação ao objeto teórico, o discurso. Em síntese, os posicionamentos do sujeito-professor, a partir do discurso de Laura, situam-se entre a aceitação e a recusa, a submissão e a resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso. Posicionamentos discursivos. Sujeito-docente.

1. INTRODUÇÃO

De modo geral, nosso objetivo reside em analisar o processo de constituição do sujeito-professor Laura, protagonista da novela infanto-juvenil *Que raio de professora sou eu?*(1990). A despeito de tratar-se de uma materialidade ficcional, produzida háquase trinta anos, entendemos que os problemas educacionais retratados pela professora da rede pública de ensinona obra mencionada mostram-se bastante atuais e incisivos: baixos salários, carreira sem grandes perspectivas de ascensão, falta de condições básicas para o exercício da profissão, reconhecimento social desproporcional ao alto nível de responsabilidade, burocratização excessiva são, ainda, uma constante nos depoimentos dos professores sobre o exercício da profissão e nos mais diversos discursos produzidos acerca do ser professor na realidade sócio-histórica brasileira, de modo a produzir efeitos de consenso no tocante à precarização da docência.

A nossa análise, pelo viés da Análise do Discurso (AD), partirá, portanto, de *recortes textuais* da novela *Que raio de professora sou eu?*, que contextualizam o tema objeto de estudo e são responsáveis pela constituição da professora Laura. Para tanto, no percurso da análise, levaremos em consideração as “*modalidades de tomadas de posição*” (PÊCHEUX, 2009), que correspondem aos posicionamentos adotados pelo sujeito-professor em seu discurso. Selecionados os *recortes textuais*, o objetivo teórico será mais bem especificado com as *sequências discursivas*, que particularizam as inquietações deste estudo. Para tanto, a análise busca responder as seguintes questões de pesquisa: Que posicionamentos discursivos manifestam-se no discurso da professora Laura na obra *Que raio de professora sou eu??* De que modo tais posicionamentos estão relacionados à constituição do sujeito-docente no âmbito dessa obra?

Para efeito de organização, o trabalho encontra-se organizado em duas partes: analisamos a obra *Que raio de professora sou eu?*, a partir dos pressupostos teóricos explanados no tópico anterior. Na terceira, resumimos os principais aspectos discutidos ao longo do texto.

2. OS POSICIONAMENTOS DO SUJEITO-PROFESSOR EM *QUE RAIOS DE PROFESSORA SOU EU?*

A novela *Que raio de professora sou eu?* (1990), de Fanny Abramovich, constitui o diário de Laura, professora de História de 33 anos. Em narrativas curtas e independentes, a

personagem integra relatos de sua vida pessoal e profissional, permeados por constantes momentos de introspecção. Há um desvelamento de um professor humanizado, com todas as suas falhas e contradições. Referindo-se ao magistério na rede pública de ensino, a professora Laura por diversas vezes faz referência às condições de trabalho precárias, à desvalorização do profissional professor (simbolizado, inclusive, nas reiteraões do ínfimo rendimento salarial) e à falta de reconhecimento ao trabalho realizado de forma criativa.

Apesar das críticas recorrentes às ações características do ensino tradicional — aulas expositivas, centradas apenas no livro didático, avaliações com questões de múltipla escolha –, e à total submissão às prescrições — planejamento rígido, ritos burocráticos como registros de caderneta, chamada, relatórios etc. –, a professora Laura, em crise, incomodada com o seu comodismo e a morosidade de sua vida profissional, vê-se desestimulada a tentar reverter tal situação. Por outro lado, alguns diálogos com seus alunos e uma guinada em sua vida pessoal levam-na a buscar novos caminhos na carreira docente, a despeito do cenário desolador e do discurso desabonador da carreira docente (UYENO, 2014).

Apesar de se tratar de uma obra ficcional, pode-se refletir até que ponto o discurso retratado não mimetiza as agruras da década de 80, vivenciadas pelo autor-personagem, já que esta década ficou marcada por uma forte crise econômica, pela decadência da escola pública e pela desvalorização do profissional do magistério. A explosão escolar da década de 1980 produziu grandes impactos para o ensino, em virtude da ocupação de indivíduos sem as necessárias habilitações acadêmicas e pedagógicas, criando desequilíbrios estruturais extremamente graves. A tentativa de remediar tal situação resumiu-se em oferecer a profissionalização do professor em serviço, através das três vagas sucessivas de programas: profissionalização em exercício, formação em serviço e profissionalização em serviço (NÓVOA, 2007) Acontece que tal política de profissionalização não logrou êxitos significativos e o resultado pode ser representado pelos trechos que analisamos a seguir.

Antes da análise propriamente dita, algumas palavras de ordem metodológica são necessárias. Assim, a construção do *corpus*, sob o viés teórico-metodológico da AD, inicia-se com a decisão do pesquisador de não vê-los como “dados”, mas como fatos de linguagem. Esse fato tem como objeto empírico, ou unidade de análise, o texto. No entanto, esse texto não entra como unidade bruta, mas recebe um tratamento teórico que o transforma no objeto teórico, construído, condicionado por perguntas de pesquisa ou seus objetivos. Selecionado esse objeto teórico, o texto será transformado em *recortes textuais*, em razão do objeto teórico e de seus condicionamentos sócio-históricos. Frente aos *recortes textuais*, traçamos as *seqüências discursivas*, as quais estão

mais relacionadas com a consecução do objetivo deste estudo. Em síntese, o *corpus* em AD é um complexo que abrange textos, recortes textuais, discursos e sequências discursivas.

Ao investigarmos o posicionamento discursivo, as *tomadas de posição* assumidas pelo sujeito-professor Laura, concebemos as modalidades de posição (PÊCHEUX, 2009) como materialidades dos posicionamentos do sujeito-professor em relação ao seu fazer docente. Portanto, nessa compreensão de *corpus*, as categorias analíticas são as *modalidades de tomadas de posição* do sujeito-professor Laura, corporificadas por sequências constitutivas dos *recortes textuais*.

RECORTE TEXTUAL 1: Encontrei uma tia que não via há muito tempo. Totalmente por fora. De tudo. Do mundo em geral. De mim, em particular. Orgulhosíssima porque sou professora. É do tempo em que isso era o máximo! Era a personificação do saber. Era uma profissão digna. Salário decente. Inspirava respeito. Trabalho estimulante! “Nossa, é professora! Meus parabéns!! Tão jovem e tão bem-sucedida.” Parece que foi em outro século. Como, em tão poucos anos, a educação piorou neste Brasil varonil. Deteriorou. Virou piada. E de mau gosto. Coisas do Terceiro Mundo, desta América Latina cada vez mais atrasada, deste Brasil cada vez mais irresponsável. Com seu povo. No presente e pro futuro (ABRAMOVICH, 1990, p. 43).

Do recorte textual 1, analisaremos as seguintes sequências discursivas (SDs):

SDa: Orgulhosíssima porque sou professora. É do tempo em que isso era o máximo! Era a personificação do saber. Era uma profissão digna. Salário decente. Inspirava respeito. Trabalho estimulante!

SDb: Como, em tão poucos anos, a educação piorou neste Brasil varonil. Deteriorou. Virou piada. E de mau gosto.

A SDa apresenta um indivíduo que é convocado para assumir um lugar discursivo na sociedade, o de professora. Essa interpelação é marcada pela evidência do sujeito de origem pelo verbo “ser” em “Eu sou professora”. No entanto, o sujeito-professor se *identifica* como profissão-professor do passado: “É do tempo em que isso era o máximo!”, contrapondo o momento atual da profissão a um tempo remoto em que essa profissão era considerada “digna”, “salário decente”, “inspirava respeito”, promovendo um “trabalho estimulante”. A contraposição tempo passado *versus* momento atual da profissão denuncia uma desvalorização social da função, posta em reflexão na SDb “a educação piorou neste Brasil varonil. Deteriorou. Virou piada. E de mau gosto”.

Há um distanciamento, mais até, um questionamento do sujeito-professor que o conduz a uma *contra-identificação* não apenas para com a função profissional que ocupa na sociedade – de professora –, mas de todo o processo educativo, do saber da FD que lhe é imposta. Esse deslocamento deixa marcas que corroboram a crise e a posterior deterioração do ensino público no Brasil e as intempéries que cercam a carreira docente: “piorou”, “deteriorou”, “piada”, “mau gosto”.

Ao longo da obra, há várias ocorrências de *contra-identificação* e até de *desidentificação* do sujeito-professor pretendido pela ideologia capitalista, como podemos observar nos Recortes 2 e 3, a seguir. Tais recortes fazem referência ao filme *Conrak*, que narra a saga de um professor de mesmo nome que passa a trabalhar com “as crianças mais carentes, mais assustadas, mais analfabetas, mais medrosas de que já se ouviu falar [...]” (ABRAMOVICH, 1990, p. 24). A história se passa nos Estados Unidos, no começo dos anos de 1970.

RECORTE TEXTUAL 2: O trabalho que o Conrak faz é comovente. Vai com tudo. De um modo sensível, paciente, humorado. Brinca, leva as crianças pra praia e pro mato, ensina em cima das árvores, corre e salta, inventa canções e ritmos, fala sobre qualquer assunto. Vai na das crianças. Com elas, por elas. Começa e recomeça. Um montão de vezes... Atento, atento. Ao novo, ao desconhecido, aos preconceitos, à discriminação.

Ele é dedicado, mas é despedido. Mandado embora porque não corresponde aos interesses dos brancos-classe-média-que-mandam-nas-inspetorias-de-ensino-dos-mundinhos-medíocres... O que fica, do que fez, no coração e na mente, nos olhos e ouvidos das crianças é o fundamental. Entenderam. Valeu pra elas. Arrepiantemente bonito!

(ABRAMOVICH, 1990, p. 24)

Do recorte textual 2, analisaremos a seguinte sequência discursiva (SD):

SDc: O trabalho que o Conrak faz é comovente. Vai com tudo. De um modo sensível, paciente, humorado. Brinca, leva as crianças pra praia e pro mato, ensina em cima das árvores, corre e salta, inventa canções e ritmos, fala sobre qualquer assunto. Vai na das crianças. Com elas, por elas. Começa e recomeça. Um montão de vezes...

Nesse contexto, há uma *identificação* do sujeito-professor com o modelo de ensino aberto, interativo, proposto por Conrak, professor-personagem que extrapola o modelo tradicional de

professor autoritário, hierarquicamente distante, à medida em que se aproxima de um professor criativo, acessível às crianças, bem informado, metodologicamente diversificado e comprometido, principalmente, com a aprendizagem dos alunos. Essa oposição entre professor ideal *versus* professor real constitui uma *contra-identificação* com o modelo de ensino proposto pela ideologia capitalista, uma espécie de prestador de serviço eficiente desde que corresponda aos interesses dos “brancos-classe-média” e não se *contra-identifique* com tal ideologia. Motivo este, aliás, que justifica a demissão do professor, em seu discurso. Mas apesar da *identificação* um tanto utópica e romantizada do sujeito-professor (talvez, por isso mesmo, recuperada de uma narrativa filmica), há nesse recorte textual uma compreensão da ideologia política da Escola (representando o Estado), que afasta ou silencia os transgressores da ideologia geral: “Mandado embora porque não corresponde aos interesses dos brancos-classe-média-que-mandam-nas-inspetorias-de-ensino-dos-mundinhos-medíocres...”.

Os Recortes Textuais 3 e 3, a seguir, são representativos ainda do processo de *identificação* com o modelo de professor criativo e interativo, respectivamente.

RECORTE TEXTUAL 3: Encontrei com Lurdinha. Já demos aulas juntas. Entramos e saímos de uma escola, na mesma época. Coisas do destino. Nos vemos quando dá. É bom! Uma troca gostosa de idéias, de choros de vontade de arrancar os cabelos.

Lembramos do que fazíamos com nossos alunos. Nas aulas de História. Visita a museus, ida ao cinema pra ver algum filme sobre o assunto discutido, caminhadas pela cidade pra conhecer a arquitetura de outros tempos com os próprios olhos, exibição de vídeos-documentários ou de teatro-filmado... Tanta coisa. Tão bonita!! Leituras e mais leituras. Pesquisas em jornais, em bibliotecas, em institutos. Entrevistas com personalidades ligadas a algum tópico recente ou com especialistas em períodos remotos (ABRAMOVICH, 1990, p. 61)

Do recorte textual 4, analisaremos as seguintes seqüências discursivas (SDs):

SDd: Uma troca gostosa de idéias, de choros de vontade de arrancar os cabelos.

SDe: Tanta coisa. Tão bonita!!

Na SDi, percebe-se o processo de *identificação* do sujeito-professor para com o intercâmbio de informações, de experiências/ideias entre professores, de “choros”, lamentos e de “vontade de arrancar os cabelos”, efeitos de sentido da força da intensidade, promovidos pelos dissabores da

profissão. Na SDj, o sujeito-professor avalia como “Tanta coisa. Tão bonita” as estratégias metodológicas diversificadas e nada tradicionais de um tempo longínquo em que as aulas de História extrapolavam os limites da sala de aula, a partir da incursão em museus, cinemas e aulas de campo, e valiam-se de recursos visuais, pesquisas, leituras e entrevistas com personalidades.

Há um efeito de sentido de saudosismo que revela uma *identificação* com o sujeito-professor criativo e interativo do passado, amparado num discurso segundo o qual a educação já fora considerada de mais qualidade que no presente (MORGADO, 2015); ao mesmo tempo, há uma *desidentificação*, implícita, com o sujeito-professor da atualidade, embora a sequência discursiva não revele nenhuma mudança de atitude em relação o sujeito-professor da atualidade, diferente do que se percebe no Recorte Textual 6, a seguir expresso:

RECORTE TEXTUAL 5: Hoje tive uma reunião com o professor de Geografia. Ver se poderíamos desenvolver um trabalho conjunto. Integrado. Mais rico pro aluno (ABRAMOVICH, 1990, p. 57).

Do recorte textual 5, analisaremos a seguinte sequência discursiva (SD):

SDhf: Hoje tive uma reunião com o professor de Geografia. Ver se poderíamos desenvolver um trabalho conjunto. Integrado. Mais rico pro aluno.

Diferentemente do Recorte 5, nesse Recorte, o sujeito-professor não apenas relembra ações pedagógicas criativas, diversificadas e interativas de seu passado longínquo, bem como interage com o professor de Geografia na tentativa de construir um trabalho interdisciplinar “mais rico pro aluno”. Há, portanto, uma *identificação* em forma de ação com o sujeito-professor de outrora: criativo e interativo. Mais do que isso: o sujeito-professor coloca-se à disposição do diálogo com o outro, no intuito de promover uma ação mais valiosa para o aluno, ainda que esta lhe exija maior empenho, em virtude da interdisciplinaridade.

Já a *identificação* com o professor reflexivo restringe-se aos episódios que revelam sua dificuldade com as autoridades, com a burocracia (conforme analisamos acima) e com as prescrições impostas pela Escola. O Recorte 7, a seguir, é representativo dessa dificuldade enfrentada também com os instrumentos pedagógicos:

RECORTE TEXTUAL 6: Agora, um livro didático e ponto. E dá-lhe decoreba, atividades manjadas, pobrinhas. Sem que o professor necessite fazer esforço. Tudo respondido no “livro do mestre”. Nem a bíblia é tão respeitada... Que

pobreza... Que indigência. Que retrocesso. Em alguns poucos anos...
(ABRAMOVICH, 1990, p. 62).

Do recorte textual 6, analisaremos as seguintes sequências discursivas (SDs):

SDg: Agora, um livro didático e ponto. E dá-lhe decoreba, atividades manjadas, pobrinhas.

SDh: Nem a bíblia é tão respeitada... Que pobreza... Que indigência. Que retrocesso.

Em coerência com os discursos dos *recortes* anteriores que endossam a crítica a uma metodologia de trabalho limitada às salas de aula e enaltecem as ações pedagógicas criativas, diversificadas e interativas, o sujeito-professor critica a redução dos instrumentos pedagógicos ao livro didático. Na SDI, sujeito-professor *contra-identifica-se* com ações típicas do ensino tradicional, como a restrição das aulas à exploração do livro didático. Nesse aspecto, essa *contra-identificação* é materializada na SDI no emprego das marcas linguístico-discursivas de cunho depreciativo como “decoreba”, “manjadas” e “pobrinhas”, associadas ao livro didático.

Na SDh, esse processo de *contra-identificação* complementa a crítica em relação à onipresença do livro didático: “Nem a bíblia é tão respeitada”. Nesse sentido, o sujeito docente não apenas relativiza o instrumento “livro didático”, como se *contra-identifica* com as ações pedagógicas dos professores dele dependentes: “Que pobreza... Que indigência. Que retrocesso”. É possível entrever que o discurso do sujeito-professor, consoante assinala Eckert-Hoff (2009) é atravessado por múltiplos dizeres, por vozes exteriores que o constituem. Nos excertos em tela, o sujeito-professor alude a outras vozes, as quais ressignificam dizeres acerca da relação do docente com o livro didático.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os posicionamentos do sujeito-professor, a partir do discurso de Laura, situam-se entre a aceitação e a recusa, a submissão e a resistência. Assim, o sujeito se identifica com a docência de outrora, num tom saudosista que aponta para uma qualidade de ensino e de condições de trabalho, as quais foram eclipsadas pelas práticas pedagógicas atuais. Como corolário, o sujeito-professor

desidentifica-se com a professora da atualidade, com os métodos de ensino, com os materiais didáticos e com as práticas didático-pedagógicas corporificadas em ritos burocráticos considerados obsoletos e improdutivos, mas que são intrínsecos ao funcionamento da instituição escolar.

Ao se identificar com os dizeres do filme *Conrak*, Laura anseia por tornar-se uma docente crítica, reflexiva e “moderna”. Isso implica contra-identificar-se com os saberes da burocracia e com as relações assimétricas de poder na/da escola. Ao empreender condutas de resistência, Laura tenta se aproximar de uma imagem de docente que deseja: um sujeito relativamente livre para o exercício da docência. Todavia, a contradição, como uma característica indissociável do sujeito do discurso, afeta a constituição do sujeito, na medida em que Laura reproduz em sala comportamentos baseados na ameaça e na retaliação, práticas até consideradas abusivas pelo posicionamento defendido pela docente.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Que raio de professora sou eu?** São Paulo: Scipione, 1990.
- ECKERT-HOFF, B. M. A escritura de si a formação de professores. In: BERTOLDO, E. (Org.). **Ensino e aprendizagem de línguas e a formação do professor: perspectivas discursivas.** São Carlos: Claraluz, 2009. p.135-151.
- MORGADO, V. N. M. **As representações discursivas sobre o sujeito-professor: entrelaçamento do saber e do poder no trajeto temático da missão, da culpabilização e da incompetência.** 218 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás: Goiânia, 2015.
- NÓVOA, A. (org.). **Os professores e sua formação.** Lisboa: Nova Enciclopédia, 1997.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad. de Eni P. Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.
- UYENO, E. Y. O desafio da docência na (pós)modernidade: o “novo amor” e a responsabilização pedagógicos. In: CORACINI, M. J.; CARMAGNAMI, A. M. (Orgs.). **Mídia, exclusão e ensino: dilemas e desafios na contemporaneidade.** Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 251-278.

Sobre os autores:

LAURA DOURADO LOULA RÉGIS

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (2004), mestrado em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (2007) e doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING). É Professora Adjunta na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente em temas relativos a Análise Linguística. E-mail: douradoloula@gmail.com

FRANCISCO VIEIRA DA SILVA

Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Ciências da Linguagem aplicadas à Educação a Distância (CLEAD) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professor efetivo de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus de Caraúbas. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atua, principalmente, nas seguintes temáticas: Análise do Discurso, mídia e discurso, construção de identidades, bem como a formação de professores numa perspectiva discursiva. Pesquisador do Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), do Grupo de Estudos do Discurso (GRED), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Grupo de Estudos do Discurso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (GEDUERN). E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

